

AGUAFUERTES CARIOCAS E UM BRASIL AO ORIENTE DO ORIENTE¹**AGUAFUERTES CARIOCAS AND A BRAZIL TO THE ORIENT OF ORIENT**Lyanna Costa Carvalho²

Universidade Federal do Tocantins

Resumo: Em 1930, Roberto Arlt viaja ao Rio de Janeiro com a missão de apresentar os mais diversos aspectos da vida e da cultura brasileira ao seu público leitor na Argentina. Neste estudo, através da leitura desse inventivo projeto de 40 crônicas escritas durante sua estadia de dois meses, reunidas e publicadas em 2013 com o título *Aguafuertes cariocas*, buscamos refletir sobre o processo de imaginação de Brasil e Argentina. Para isso, propomos a leitura das crônicas não apenas como uma tentativa de descrever o Brasil, mas como um discurso numa rede mais ampla de disputas em torno do conceito de civilização e modernidade, que envolve diferentes agentes, instituições e ideias e determina de várias maneiras o que pode ou não ser dito sobre o Brasil, assim como sobre a Argentina e as nações sul-americanas, e, ao mesmo tempo, estabelece e mantém dinâmicas de poder e dominação. Por isso, as crônicas dizem tanto sobre a realidade local quanto sobre as ideias estrangeiras de modernidade, civilização e progresso, transplantadas, não sem violência, ao nosso contexto. Focamos nossa abordagem nas temáticas do mundo do trabalho e da presença do negro na sociedade carioca.

Palavras-chave: *Aguafuertes cariocas*; viajantes argentinos; imaginação da nação.

Abstract: In 1930, Roberto Arlt travels to Rio de Janeiro in a mission to present the most diverse aspects of Brazilian life and culture to his public reader in Argentina. In this paper, throughout the reading of this creative project of 40 chronicals written in the two months he spent here, reunited and released in 2013 under the title *Aguafuertes cariocas*, we intend to reflect critically on the process of imagination of the nations Brazil and Argentina in that historical moment. In order to do so, we propose the reading of his chronicals not only as an attempt to understand and describe Brazil, but as a discourse in a larger network that points us the disputes around the ideas of civilization and modernity, involves different people, ideas and institutions and determine in a lot of ways what can and can't be said about Brazil, as well as about Argentina and the South American nations. At the same time it establishes and maintains dynamics of power and domination. Because of this, it says less about the local reality than about the foreign ideas transplanted, not without violence, to our context. We focus our approach on his understanding of the world of work and the presence of black people in Brazilian society.

Keywords: *Aguafuertes cariocas*; Argentine travellers; imagination of the nation.

Submetido em 18 de fevereiro de 2020.

Aprovado em 19 de fevereiro de 2020.

¹O artigo é resultado e continuidade de parte da pesquisa de minha tese de doutorado defendida em 2018, intitulada *Ficções possíveis: o Brasil no campo intelectual argentino* e desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CAPES/FAPERJ).

² Doutora em Ciências da Literatura, Universidade Federal do Tocantins. E-mail: lyannacarvalho@uft.edu.br.

Introdução

“Somos todos descendentes diretos de Colombo”, diz Tzvetan Todorov (1993, p. 6) para explicar a atualidade da conquista da América. A violência com que a cultura europeia se atirou contra as alteridades encontradas além-mar diz respeito a um processo de construção e afirmação de um eu baseado na relação de diferenciação e dominação do que então se configura como o outro, e tal processo atravessa a nossa cultura até os dias de hoje, perpetuando as experiências latino-americanas de silenciamento, incompletude, desencontro, subalternidade. A partir da consciência de que nossa cultura é também a constante afirmação de uma cultura vencedora, responsável pela desigualdade e pela violência crônicas do nosso contexto, a leitura e releitura a contrapelo de textos que versam sobre nossa realidade, mesmo que distantes no tempo e no espaço, surge, como na proposta do estudo de Todorov, como possibilidade de reflexão moralizante sobre nossos discursos e práticas no tempo presente. Por essa perspectiva procuro pensar as impressões de Roberto Arlt sobre o Brasil em suas *Aguafuertes cariocas*, série de crônicas escritas em 1930, durante sua estadia de dois meses no Rio de Janeiro.

Quando parte à capital brasileira, Roberto Arlt já era autor conhecido na Argentina. “Aguafuertes” intitulava até então as crônicas temáticas publicadas no jornal *El Mundo* sobre os mais diversos aspectos da vida de Buenos Aires, e se internacionaliza devido ao sucesso alcançado. Tem, ainda, a viagem interrompida e retorna a Buenos Aires pela premiação da novela *Siete Locos*. Diferentemente dos intelectuais da capital federal, Arlt nasceu em Boedo, uma província de trabalhadores que, como espaço de sociabilidade de um grupo de intelectuais, artistas e políticos, se contrapunha ao campo intelectual e artístico do centro da capital, representado pela rua Florida, então símbolo do dinamismo comercial e do cosmopolitismo cultural (PIETRO, 2009). Isso nos ajuda a compreender um projeto literário que reflete tanto um temperamento subversivo, crítico, questionador, quanto uma profunda frustração com seu tempo e sua recepção no meio letrado, e se relaciona também ao caráter experimental, questionador, inventivo, avesso ao peso da tradição, da gramática e do cânone de seu olhar e sua escrita³. Em *Aguafuertes*, vemos isso desde o anúncio de sua partida, quando se propõe a: “merzclarme y convivir con la gente del bajo fondo” (2013, p. 13) e adentrar “el mundo subterráneo de las ciudades que

³ Esse é um dos motivos por que opto pela citação em original. Além dele, a proximidade com o espanhol, embora naturalmente consideremos as especificidades de cada idioma, permitem ao leitor brasileiro uma leitura deslocada coerente com a proposta de Arlt, que abre espaço para o estranhamento diante de ideias em constante deslocamento e tradução. Para a biografia e a recepção crítica de Arlt, conferir os estudos de Omar Borré (1996).

tienen barrios exóticos” (ARLT, 2013, p. 14). Diz levar consigo apenas “dois trajés”: “Un traje para tratar com personas decentes y outro hecho pedazos” (ARLT, 2013, p. 14). Sempre crítico do meio intelectual, constantemente reafirma a intenção de apresentar um verdadeiro e oculto Brasil, que estaria à margem dos documentos e da literatura: “Cada vez me convenzo más que la única forma de conocer un país [...] es conviviendo com sus habitantes; pero no como escritor [...]. Vivir... vivir por completo al margen de la literatura y los literatos” (ARLT, 2013, p. 48).

De 8 de março a 29 de maio de 1930, escreve um total de 40 crônicas, que só foram publicadas novamente na Argentina no ano de 2013, na coletânea intitulada *Aguafuertes cariocas*, traduzida e publicada no Brasil no mesmo ano. Nelas, descreve o cotidiano do Rio de Janeiro poucos meses antes da revolução que deu fim à República Velha e levou Getúlio Vargas à presidência, e logo depois de a cidade passar, acentuadamente na prefeitura de Pereira Passos, por uma série de reformas que modificaram sua fisionomia. Abertura e alargamento de ruas, demolições de morros, instauração de iluminação noturna, investimento em políticas sanitárias e em combate à febre amarela foram algumas das medidas articuladas num projeto moderno calcado, segundo o historiador da cultura Nicolau Sevcenko (1994, p. 30), em quatro princípios (ou tensões) básicos: condenação e recusa dos hábitos ligados à sociedade tradicional; negação dos elementos populares da cultura e do que se opunha à ideia de civilizado; expulsão das camadas populares para a periferia; e um “cosmopolitismo agressivo”, à imitação de Paris. Nesse momento histórico de enorme dinamicidade política e cultural, em crônicas que tensionam os limites entre literatura e documento dentro de um projeto literário inventivo, crítico e compromissado com uma suposta verdade que supostamente não está nos livros, Arlt imagina um Rio de Janeiro próximo e distante de nós, e nos ajuda a compreender as disputas e forças em torno da construção do moderno, do civilizado naquele momento e, logo, no nosso. O objetivo do artigo é, pois, compreender tal processo de imaginação da nação.

A missão de apresentar um Brasil desconhecido ao povo argentino não é novidade nas *Aguafuertes*. Costumeiramente partindo do pressuposto cada vez mais questionado de que havia um quase inexistente intercâmbio intelectual entre os dois países, vários viajantes, políticos, jornalistas, diplomatas argentinos, das décadas finais do século XIX até meados do XX, procuraram descrever e apresentar o Brasil em seus mais diversos aspectos e através dos mais diversos gêneros textuais. São exemplos Juan Bautista Alberdi, Domingo Sarmiento, Vicente Quesada, García Mérou, Sáenz Hayes, dentre

vários outros. Além disso, temos também uma série de publicações oficiais em razão de visitas presidenciais ou datas comemorativas, que compõem um *corpus* relativamente amplo de representações sobre o Brasil, de que *Aguafuertes* faz parte (CARVALHO, 2018). Trata-se de um conjunto de representações pertinente de se ler à luz do *Orientalismo* de Edward Said: como uma distribuição de consciência em conjunto de textos e discursos políticos, literários, econômicos, vinculados às mais diversas instituições e ordens como o mercado editorial, as universidades, os jornais, e que detém “uma certa *vontade* ou *intenção* de entender, e em alguns casos controlar, manipular e até incorporar, aquilo que é um mundo manifestamente diferente (ou alternativo e novo)” (SAID, 1990, p. 24, grifo do autor). Há diferenças profundas entre os dois casos, especialmente porque Brasil e Argentina, ao contrário da relação aprioristicamente desigual entre Oriente e Ocidente, são duas nações de passado colonial, mesmo que os processos colonizadores espanhol e português tenham sido bastante distintos. A semelhança que busco ressaltar recorrendo a Said é a intencionalidade consciente ou inconsciente, de autores e instituições, que, de várias formas, mobilizam, organizam e direcionam tais representações em função de práticas e ideias que dizem respeito a relações de poder, materiais e simbólicas, e que o tempo todo se referem a questões outras que não o assunto ou tema tratado, no caso o Brasil. A vasta produção confirma também a proeminência da atividade literária e intelectual na imaginação da nação (ANDERSON, 2008), ou seja, o aspecto ideológico que as mais diversas representações detêm nos processos de criação de identificações e identidades nacionais como sistemas de coesão, controle e apagamento das diferenças. Logo, por mais que ateste uma vontade de isenção, as crônicas de Arlt dialogam com uma série de discursos, interessando-nos observar de que forma essa perspectiva de “dois trajes” dialoga com tal rede de discursos.

A hipótese adotada é que o deslocamento ao Brasil permite que conceitos prévios e caros à compreensão da nação sejam transformados e reelaborados a partir da experiência de alteridade radical. Para compreender esse processo de elaboração e reelaboração do moderno e do civilizado, procuro seguir o percurso de frustração de Arlt, que dos primeiros dias de deslumbre passa ao profundo aborrecimento e crítica a tudo. Na primeira parte do estudo, discuto como e por que se dá a frustração com a realidade que aos poucos se lhe desvenda. Para isso, recorro aos paradigmas identitários, como Europa, África, Oriente, que Arlt elenca a fim de, comparativamente, descrever o Brasil. Tais modelos se reorganizam ao longo das crônicas e esclarecem os critérios de observação de Arlt, e, logo, a nova ideia de civilização que adota, que tem Buenos Aires

e Argentina como paradigma consolidado principalmente através da temática do mundo do trabalho, lugar central das críticas à sociedade e à cultura brasileira.

Na segunda parte do artigo, esse processo de frustração é abordado a partir de suas observações sobre o negro na sociedade. A presença do negro não é um assunto recorrente nas crônicas, mas essa escolha é fundamentada em algumas razões. A primeira dela é que o assunto surge em três momentos cruciais da viagem: assim que chega, pois, como veremos, os negros são as primeiras pessoas notadas; em um segundo momento no início da profunda decepção com a realidade do Brasil; e logo ao final, quando Arlt descobre que a abolição é fato recente. Uma segunda razão é a presença do negro como um tabu para o viajante ou intelectual que, interessado em encontrar o civilizado, se depara com esse anacronismo histórico, que durou até recentemente e que atravessa todos os aspectos da vida no Brasil. Como entendê-lo e explicá-lo? Por último, escolhemos as observações sobre o negro a fim de manter sempre vivo o questionamento da violência com que eles são representados pela cultura vencedora.

1. “El Diamante del Atlántico”: o encontro com “as ideias fora do lugar”

Roberto Arlt (2013, p. 16-17) diz o seguinte sobre sua chegada ao porto de Guanabara:

Sólo el agua del océano, que tiene una realidad maciza, lame el hierro de la nave y se pega en flecos a los flancos, insistente, y en el anfiteatro de montañas, sobre las que se levantan lisas murallas destrozadas de montes más distantes, se agrisa sobre casitas cúbicas que son el vértice de los conos. [...] Porque la ciudad baja y sube, aquí en el profundo, una calle, luego, cien metros más arriba, otra; un callejón, un socavón, calveros y altozanos de color pasto, con caries rojizas y mirando a un abismo que no existe. [...] Más allá naves de guerra pintadas de azul piedra; banderas verdes, diques, agua mansa color polvo de tierra; una lancha cargada de pirámides de bananas, un negro cubierto de un birrete blanco que rema apoyando los pies em el fondo de la chalupa [...]. Ventanitas rectangulares de tablas; un bosque de tamarindos, de árboles plumeros, de palmeras, y al costado gradinatas de adoquines, caminos abiertos em tierra color de chocolate, y perfectamente recta la Avenida Río Branco, la Avenida de Mayo de Rio, tan perfecta como la nuestra [...].

Logo que chega, vê uma profusão de elementos movediços, flutuantes, oníricos, em fluidez de formas e cores, e que naquele local se dá a partir do contraste harmônico entre a grandeza da natureza, como anfiteatro de montanhas, e o progresso das realizações humanas, que ele ilustra na comparação da Avenida Rio Branco com a Avenida de Mayo. A descrição parece a de um quadro modernista, e traduz bem a sensação que a cidade lhe despertará nos dias seguintes, a de que chegou à civilização moderna, a de que o Brasil seria exemplo para os países vizinhos. O deslumbramento inicial conduz o seu olhar e ordena as observações seguintes da vida e dos costumes, e as primeiras crônicas são um

apanhado de exemplos em confirmação do alto grau de avanço encontrado. Alegria-se com os preços das coisas; elogia a limpeza da cidade e explica que não existem moradores de rua; deleita-se com a língua e com a beleza das mulheres, temas frequentemente entrelaçados, “El idioma portuguê, hay que oírlo conversar a una *menina*, es de lo más delicioso que puede concebirse” (ARLT, 2013, p. 24, grifo do autor); delicia-se com o sabor dos sorvetes e das frutas, dentre vários outros exemplos que reúne em um mosaico do Rio de Janeiro como cidade que concede ao homem simultaneamente a experiência do moderno e do exótico, do que escapa à razão e a complementa: “un bazar oriental de mil colores” (ARLT, 2013, p. 27) que satisfaz a mente ao mesmo tempo que deleita os sentidos.

Esses mais diversos exemplos das diferenças nos costumes são reunidos e explicados a partir da educação popular. No dia 6 de abril, a introdução da crônica “Hablemos de cultura” diz o seguinte: “sólo encuentro respecto; un dulce y profundo respecto” (ARLT, 2013, p. 31). Antes de prosseguir com o argumento, Arlt (2013, p. 31) novamente enfatiza a postura de puro observador: “Yo no quiero buscar las razones históricas de dicho fenómeno. La historia me importa un pepino” . Dito isso, explica ao leitor que todos os brasileiros, “pobres y ricos” (ARLT, 2013, p. 31), são bem educados. Observa que ninguém toca as garrafas de leite deixadas à porta das casas e se surpreende, surpreende-se com a liberdade das mulheres, que podem andar sozinhas às ruas ou trabalhar em profissões noturnas sem que sejam importunadas, e dos casais, que podem namorar publicamente. Surpreende-se, ainda, com o fato de desconhecidos interagirem com ele nas ruas e nos cafés. Com esses e outros exemplos que dizem respeito a um comportamento harmônico entre as diversas gentes e classes, chega à conclusão de que não se trata de uma educação institucional, mas que o brasileiro tem uma “alma educada”, ou “tienen una educación tradicional” (ARLT, 2013, p. 32), o que é bastante diferente da educação argentina: “Són más corteses que nosotros, y sólo si puede comprender el sentido verdadero de la cortesía por la sensación de reposo que reciben nuestros sentidos” (ARLT, 2013, p. 33).

Emerge desde as primeiras crônicas a perspectiva da cordialidade, posteriormente canonizada em *Raízes do Brasil* (HOLANDA, 1995, p. 131-141), como forma de se interpretar a sociedade brasileira. O personalismo das relações sociais, a opacidade da linha que separa o público e do privado, a ausência de consciência de cor, de classe e histórica são logo notados. Mas esses diagnósticos não são ainda um problema para Arlt, pois, novamente, o que lhe encanta e será visto como modelo ideal de sociedade está

associado a elementos dele dissonantes ou perdidos, para além da razão, ao que gera a sensação de “repouso para os sentidos”. Ou, pensado de outra forma, sua ideia de moderno não é abalada pelos elementos não modernos, ao menos não quando estes se encontram incorporados pacificamente à ordem cotidiana. E, assim como esses elementos dissonantes estão bem organizados na sociedade que vê, Arlt procura organizá-los em sua narrativa de um Brasil civilizado. Dessa forma, a educação amansada poder ser comparada a uma educação europeia: “Se me ocurre que de todos los países de nuestra América, el Brasil es el menos americano, por ser, precisamente, el más europeo” (ARLT, 2013, p. 34).

A recorrência a outros locais como modelos é um recurso que, típico das narrativas de viagem que procuram descrever um lugar desconhecido, Arlt usa com frequência para ilustrar e organizar suas impressões ao leitor distante. Neste primeiro momento, como vimos, o Brasil se aproxima da Europa, ou, em outro exemplo, é “El Diamante del Atlântico” (ARLT, 2013, p. 18), e afasta-se da América do Sul: “Y estamos en una ciudad de América del sur, querido amigo [...]” (ARLT, 2013, p. 20), diz surpreso. Buenos Aires, em contrapartida, é citada no momento de chegada em comparação da perfeição das grandes avenidas de Mayo e Rio Branco, e só aparecerá na sequência em situação de inferioridade: “Pienso en Buenos Aires. Pienso en toda nuestra grosería” (ARLT, 2013, p. 21). Tamanha surpresa denuncia que o Brasil é diferente do que Arlt ou o público argentino esperava, embora o escritor não se atenha às concepções prévias.

Essa impressão inicial, porém, se transforma radicalmente em poucos dias. Em 11 de abril, lamenta: “!Ah, Buenos Aires!... Buenos Aires!...Calle Corrientes y Talcahuano” (ARLT, 2013, p. 57), citando as movimentadas ruas como ilustração da crítica que se estenderá até o fim da viagem, que é a falta de vida cultural e noturna na cidade. A partir desse primeiro incômodo, quando Arlt explica que é impossível encontrar sequer cafés abertos após as onze horas da noite e mergulha num tédio profundo, temos uma sequência de críticas ilustradas na reordenação dos paradigmas identitários e no “rebaixamento” do Brasil, cuja representação passa a incorporar os elementos de degeneração da civilização, como concorda com um amigo que lhe sintetiza aquela realidade: “Es la tristeza portuguesa – insiste el amigo lisbonés – sumada al enervamiento que produce el sol” (ARLT, 2013, p. 72). Tais observações se dão em oposição à crescente elevação de Buenos Aires: “Buenos Aires es único em América del Sud. Único” (ARLT, 2013, p. 120), leremos adiante.

Através dessa reordenação de paradigmas nacionais, entendemos que Arlt se engana sobre chegar a uma sociedade civilizada como a Europa. Os elementos que via como progresso passam, então, a ser lidos como uma espécie de fachada de uma realidade outra que aos poucos se lhe desvenda e o ajuda a reconfigurar uma ideia de civilização que emerge, então, no contraste com a vida do Rio de Janeiro. Por isso é importante a pergunta: por que Arlt se frustra?

Um primeiro aspecto que nos ajuda a entender essa frustração é a arbitrariedade com que os exemplos são mobilizados para fundamentar suas impressões. Da mesma forma como traz os mais diversos argumentos em favor das opiniões favoráveis, posteriormente tudo no Brasil se torna motivo de crítica. Arlt reclama da falta de jardins, bibliotecas, teatros, cafés. Reclama do calor e até dos colchões, quando se vê, na falta do que fazer, obrigado a dormir e não consegue (ARLT, 2013, p. 59). Vemos essa arbitrariedade também no fato de que as primeiras impressões descritas em tom elogioso não perduram na narrativa. “Pienso hablarles a ustedes de la vida en las playas cariocas; de las muchachas que hablan un español estupendo y un portugués musical” (ARLT, 2013, p. 13), dissera em sua vinda, e de fato fala desses temas, mas somente nos primeiros dias. Não retorna posteriormente aos assuntos e lugares que o atraíram no momento da chegada, como a arquitetura urbana, o preço das coisas, as praias ou passeios da Baía de Guanabara, a beleza das mulheres e da língua, ou dos sabores e matizes tropicais. Essa perda de interesse não diz respeito somente à escolha do autor pelo trânsito no submundo mais ao centro do Rio de Janeiro, mas expõe a fragilidade e o desencaixe das ideias prévias trazidas com seus dois trajes, e ele descobre que nenhum daqueles assuntos é o que ilustra de fato a vida carioca.

Um segundo aspecto está no modo como Arlt preenche o vazio deixado pelo desencaixe entre suas ideias prévias e a realidade. Prescindindo do diálogo com outros discursos, literários, históricos, jornalísticos, como Arlt reordena os enganos e as lacunas de suas primeiras impressões sobre o Brasil? O mundo do trabalho, um dos temas mais recorrentes da coletânea, emerge como forma de interpretação dos problemas que encontra. Tais problemas, como a falta de cafés, bibliotecas, cultura, vida social, engajamento e envolvimento das pessoas com a cidade, dentre inúmeros outros que passam a significar a civilização que falta ali, apontam para uma questão maior, cuja elaboração se organizará aos poucos em uma crítica profunda à inexistência de uma consciência cidadã e de classe.

O primeiro momento em que se recorda de Buenos Aires com saudade é quando reclama da ausência de vida noturna. O Rio de Janeiro é “ciudad que trabaja y que se aburre” (ARLT, 2013, p. 73), e nada mais. Como explica de forma difusa no conjunto de textos, apesar de se trabalhar tanto a ponto de não sobrar mais tempo para as outras dimensões da existência, o trabalho não repercute em progresso, em melhoria da vida individual e coletiva, tanto no aspecto econômico como no cultural. A conclusão que traz ao leitor é a de que o trabalhador não se interessa por uma experiência cidadã inteiriça, lendo jornais, estudando, envolvendo-se na política, articulando-se enquanto classe, promovendo e consumindo cultura, ocupando e transformando o espaço urbano. Exemplifica que não há luta pela melhoria da educação através da implantação de bibliotecas. Não se conhecem e debatem as teorias econômicas e políticas em voga no mundo. Vive-se unicamente em função de uma lógica de trabalho incompleta, sem o diálogo e encontro entre trabalhadores em momentos preciosos de ócio, nos cafés, nos parques, luxo apenas da classe burguesa. Como compara ao trabalhador argentino, na crônica “Dos obreros distintos”:

El obrero de Río de Janeiro trabaja, come y duerme. Mezcla de blanco y negro, analfabeto en su mayoría, ignora el comunismo, el socialismo, el cooperativismo. Ustedes recordarán que en más de una nota yo hacía chistes respecto a nuestras bibliotecas de barrio y de nuestra superficialísima cultura. (ARLT, 2013, p. 105)

Explica que o trabalho aqui não significa mais do que a execução braçal de determinada atividade, não havendo uma dimensão progressista, representada por organizações sindicais, de debates públicos, e nas diversas formas de contínua conscientização da força trabalhadora como motor do progresso e parte de um todo mais amplo. Isso porque, diferentemente da Argentina, onde há eventos culturais acessíveis ao trabalhador, a cultura está reservada a quem tem dinheiro (ARLT, 2013, p. 106). No entanto, mesmo embora em momentos como esse ele reconheça a desigualdade e falta de acesso a uma educação que possibilitaria a melhoria da vida individual e comum, constantemente sua crítica se volta aos indivíduos, calando questões estruturais como a ausência de políticas públicas, ou os interesses políticos na manutenção de uma massa trabalhadora analfabeta, dentre inúmeras outras. Ao mesmo tempo que consegue tensionar a ideia de cultura como disputa de poder, expondo seu vínculo às classes que podem pagar, ele se mantém nas críticas à passividade dos indivíduo: “El obrero no lee, no se instruye, no hace nada para salir de su condición social pobrísima” (2013, p. 104); “Aquí, el obrero, ni por broma va al teatro. Ni tampoco lee.” (2013, p. 106).

É na diferença quanto ao nível de consciência individual e de classe que a Argentina se eleva definitivamente como padrão: “Somos los mejores porque tenemos una curiosidad enorme y una cultura colectiva magnífica” (ARLT, 2013, p. 147), diz em outra crônica tratando do mesmo assunto. As imagens cambiantes dos modelos de progresso nos confirmam tanto o formato de pensamento que busca previamente conceitos como o moderno e o civilizado, quanto a ideia de “civilização” a que Arlt chega a partir do laboratório do Rio de Janeiro, aquela alcançada por uma educação que possibilitasse a interpenetração do mundo do trabalho com os outros aspectos da vida. Civilização significaria a constante melhoria de vida calcada na consciência individual e de classe, alimentada pela instrução pública e pelas instituições e eventos culturais e artísticos que não encontra no Brasil.

Arlt entende que a situação cíclica de alienação é traço de uma personalidade carente da proatividade que tem o argentino, e novamente a leitura se orienta para a denúncia da degeneração dos costumes naquele local. Neste momento, retorna às reflexões sobre a “educação de alma”. O que primeiramente lhe chamou a atenção como elogio transforma-se, então, em denúncia pela forma ambígua como caracteriza e ao mesmo tempo oculta o atraso daquele lugar: “Cuando quiera investigar algo seriamente respecto a la vida del pueblo, usted se estrella, aquí em Rio de Janeiro, em essa amabilidade brasileña que celosamente oculta las grietas de su civilización popular. [...]” (ARLT, 2013. p. 145). Não encontrando a civilização, a justificativa para o atraso do Brasil centra-se na cultura popular. Diferentemente de um pensamento sociológico que encontra na cordialidade uma tentativa de lidar com a violência racial e epistêmica do nosso histórico de colonização, as conclusões e sínteses trazidas em *Aguafuertes* não interpretam tais problemas sócio-históricos relacionados às experiências, singulares na América do Sul, do império e da escravidão. A leitura que estabelece o mundo liberal como paradigma se torna, pois, desajustada, incorrendo no absurdo das “ideias fora do lugar”, na expressão cara a Roberto Schwarz (2000), tão características de nossa cultura heterogênea e desigual, e isso corresponde ao tom de surpresa que perpassa toda a experiência de Arlt.

Mas, além do desconhecimento, da surpresa e da pretensão de uma observação isenta, há a conveniência dessa leitura em apagar e apaziguar os problemas maiores, como principalmente o da escravidão e de suas consequências para a compreensão e tradução do Brasil. Lido por lentes liberais, o problema atinge igualmente a todos, sendo tratado, pois, como uma questão de essência do povo. Ou, dito em outras palavras, a leitura

pretensamente neutra reafirma o lugar de sujeito, observador, viajante, conquistador, que desconsidera as diversas dimensões da vida local em prol de uma versão única, essencializante, engendrada em silêncio e esquecimento. E isso, como procuramos observar na segunda parte, contribui para o apagamento nas *Aguafuertes* do passado histórico escravista, mesmo que ele seja fator indissociável do presente – de Arlt e do nosso.

2. “Lo que escribió Alencar”: o universo baixo-fundo da escravidão

Retomando a descrição feita no momento da chegada ao Rio de Janeiro, vemos que há apenas elementos da paisagem e objetos, salvo um negro remando uma canoa com bananas, “un negro cubierto de un birrete blanco” (ARLT, 2013, p. 16), um negro que não se vê, escondido por um chapéu branco. Logo na continuação daquele quadro sem gente, os negros são as primeiras pessoas que Arlt descreve, mesmo sendo invisíveis:

Negros; negros de camiseta roja y pantalón blanco. Una camiseta roja que avanza movida por un cuerpo invisible; un pantalón blanco movido por unas piernas invisibles. Se mira y de pronto una dentadura de sandía en un trozo de carbón chato, con labios rojos... (ARLT, 2013, p. 17)

Como trazem literalmente as duas citações, eles são vistos através das roupas ou por causa delas, vistos quando se vestem em um trabalho e através do seu movimento, ou, em outras palavras, são visíveis apenas enquanto força motora. Não são homens, mas uma junção de membros – pernas, dentes, lábios – que se movimenta. Corpo sem alma. Essa experiência deslocada e ambígua do negro semi-inserido na sociedade aparece de forma apaziguada e ordenada nas primeiras observações. A paisagem da baía, modernista e moderna, o incorpora harmonicamente, como parte das cores e formas que a compõem. São gente e são paisagem.

Enquanto Arlt se encanta, é essa a representação possível do negro, como parte do exótico dos trópicos e como fonte de uma admiração que o tempo todo subjuga: admiração pela resiliência, pela capacidade de realizar trabalhos pesados, pela forma pacífica que existem apesar da tragédia de sua história, sempre subentendida, mas nunca tratada diretamente. No dia 7 de abril, chegando ao antigo porto do centro, admira as pequenas embarcações e os pescadores, e escreve, na primeira ocorrência da África como paradigma: “La plazoleta de agua bien podría situarse en el África, em Ceilán o cualquier rincón de Oriente.” (ARLT, 2013, p. 38). A distância do centro do Rio como se o lugar fosse outro mundo, a aproximação com o Oriente, assim como o tom bucólico são as formas encontradas para sua presença na sociedade.

Dias depois, quando Arlt já está aborrecido, a romantização desses quadros dá lugar às teorias científicas desajustadas e a uma elaboração frouxa da presença do negro focada no mundo do trabalho. Em “Trabajar como un negro” explica que o ditado popular que dá título à crônica, conhecido entre o público leitor argentino, ali era literal e os negros tinham a função de desempenhar trabalhos para os quais a força do descendente europeu não era suficiente, “Sí, donde el nativo pálido o el obrero extranjero retroceden para ocupar el puesto está el negro.” (ARLT, 2013, p. 62). Traz, para fundamentar sua crítica, fragmentos e sugestões de teorias raciais misturadas ao senso comum, o que se intensifica ainda mais quando procura tratar do negro para além de sua força de trabalho:

En el momento que abría una ventana, sorprendí a una negra. Estaba sola en la pieza, se reía y hablaba. O con la pared o con un fantasma. Se reía infantilmente al tiempo que movía los labios. Otra vez, caminando, escuché las risitas comprimidas de un negro. Parecía que se burlaba de un interlocutor invisible, al tiempo que pronunciaba palabras que no pude entender. [...] Hay negros que son estatuas de carbón cobrizo, máquinas de una fortaleza tremenda, y sin embargo algo infantil, algo de pequeños animalitos se descubre bajo su semicivilización.[...] Un negro en la oscuridad es sólo visible por su dentadura y su pantalón de color al pasar bajo un fondo. Frecuentemente va descubierto, de modo que imagínese usted la sensación que se puede experimentar, cuando en las tinieblas escuche una risita de orangután, un cuchicheo de palabras; es un africano descalzo, que camina moviendo los hombros y reteniendo su misteriosa alegría. [...] ¿Con quiénes hablan? ¿Tendrán un tótem que el blanco no puede nunca conocer? Distinguirán en las noches el espectro de sus antepasados? ¿O es que recuerdan los tiempos antiguos cuando, felices como las grandes bestias, vivían libres y desnudos en los bosques, persiguiendo simios y domando serpientes? (ARLT, 1930, p. 62-64)

O longo trecho ilustra a violência discursiva na organização de povos, sentimentos, corpos, ideias nos processos de diferenciação do civilizado e de todo o restante. Em poucas linhas temos um histórico ideológico de como se olha o negro na nossa cultura – criança, animal, semi-bárbaro –, digno ao mesmo tempo de desprezo e de tutela, e uma das consequências desse discurso é justificar e modelar a violência que funda a ideia mesma de civilização, silenciar e apaziguar esse passado incômodo escravista, mesmo que Arlt não recorra diretamente a ele, preenchendo de alguma forma essas lacunas. Resulta disso, então, não somente o silenciamento e a tentativa de se apagar a questão, mas, junto a isso, a produção, a elaboração de um modelo discursivo como tentativa de coesão dessa realidade fragmentada.

Importa-nos vivamente lembrar e denunciar tais discursos, mas, para além disso, chama a atenção Arlt não precisar de teorias científicas ou textos intérpretes da nação, ou qualquer tipo de referências históricas ou literárias, para dizer o que sempre se diz sobre o negro no Brasil, a partir da perspectiva tanto étnica quanto social. Quando critica que a única coisa que se faz no país é trabalhar, igualmente negros e brancos, homens e

mulheres, não estabelece relações com a lógica escravista, com a política imperial, com nenhum dado histórico que permita uma leitura estrutural, para além da cordialidade saltante aos olhos. Diz recusar ativamente a literatura e a história, mas também evidencia em que medida sua ausência resultará em leituras imprecisas e principalmente violentas, e em lacunas preenchidas com esse senso comum que inicialmente busca recusar. Até quase o fim da viagem, Arlt não olha o negro como sujeito, como alteridade, como participante daquela vida, a ele relegando o lugar dado pela literatura, pela história, pelas correntes cientificistas importadas, que, assim como o seu exercício de observação pura da realidade, não significam mais do que o imenso espaço de elaboração do que não se olha nos olhos.

O único momento em que realmente parece despido de seus trajes é quando tem chacoalhada todas as impressões que construía há dois meses sobre a situação do negro na sociedade. Como relata em uma de suas últimas crônicas no Brasil, passeia pelo centro do Rio quando se depara com uma celebração. Segundo depois se informa, era o aniversário dos 42 anos de assinatura da Lei Áurea. A descoberta de que a abolição é fato tão recente o arremata para uma sensação de absurdo das mais enfáticas sobre o Brasil. “1888... 1888... 1930... menos 1888... ¡no hay vuelta! 42 años. Pero nos es posible... 1888...” (ARLT, 2012, p. 166). Recuperado do choque matemático de uma escravidão presente até pouco, ele parte em conversa com um brasileiro, coincidentemente filho de um capataz, que lhe explica em tom banal como funcionava a escravidão. Fala sobre os preços médios de uma pessoa escravizada, o local de venda, os castigos mais comuns e os princípios “éticos” que regiam a relação entre senhor e mercadoria. Indica a leitura de José de Alencar, uma das vozes defensoras da escravidão no Brasil, e cuja literatura aborda a temática da escravidão mas não as experiências do negro.

Arlt ouve o relato estupefato, inclusive com a naturalidade com que é narrado. Não consegue conceber que vários daqueles negros que há semanas via caminhando pelas ruas tinham sido escravos durante a infância, e eram filhos ou familiares de pessoas escravizadas. Segundo a ideia até então formada, a escravidão estava num passado remoto, como um museu a que foi de surpresa arrebatado. O sentimento de absurdo está na placidez com que coexiste o negro recém-liberto com a sociedade que o escravizou, e o que ele considerava uma educação de alma é redefinido com horror.

Consciente de que agora estava no meio de pessoas que há pouco eram objetos humanos torturados, e que inclusive conhecera caminhando pelas ruas algumas dessas pessoas, Arlt se diz levado a um constrangimento que não lhe permite ir investigar a

história pessoal dos ex-escravos, aquele universo “bajofondo” que inicialmente é foco de seu interesse:

Y todavía no me he resulto a reportear a un ex esclavo. No sé. Me da una sensación de terror entrar al “País del Miedo y del Castigo”. Lo que me han contado me parecen historias de novelas. Prefiero creer que lo que escribió Alencar, tembrando de indignación, es una historia sucedida em un país de la fantasía. Creo que es mejor. (ARLT, 2013, p. 169)

Não adentra no “País do Medo e do Castigo”, como denomina o Brasil mais verdadeiro com que se depara, e, consciente da covardia, retoma a sugestão a ele feitas pelo filho do capataz, da leitura de Alencar, que lhe ajudaria a compreender melhor o que havia sido a escravidão. Prefere, e diz isso com ironia, delegar o conhecimento de uma realidade tão cruel (tão mais cruel quando retorna do seu plano remoto para o plano cotidiano) à leitura distante e isolada dos cânones, em vez da conversa com as pessoas daquele contexto inesperado. Reafirma, assim, uma posição de sujeito que não sai do seu lugar, que paralisa diante do indizível e recorre ao cânone, à literatura, à metáfora, a qualquer artifício que o resgate daquele incômodo que se sente diante da voz emudecida, do corpo invisível.

Arlt ainda acabar por consolidar uma crítica profunda à participação das letras e dos intelectuais nos processos de silenciamento e mutilação da realidade, ao apontar a grande distância entre a literatura canônica e a realidade, utilizando a primeira como forma de apagamento da segunda. A recusa de se conhecer o Brasil pela literatura ou pela história, constantemente afirmada, aqui deixa de existir e a literatura de Alencar é invocada no momento da pertinência, quando a realidade não cabe em palavras. Ele a utiliza como escudo, defendendo-se da realidade histórica que, vista ali ao lado, só dá espaço para o silêncio. Por essa função da literatura de atenuar a violência indizível, nada mais distante da voz das pessoas escravizadas do que as novelas que recomenda.

As impressões de Arlt sobre o negro e a surpresa diante da escravidão recente também não dizem somente respeito a um olhar desatento, mas denunciam uma grave lacuna nos trabalhos de memória histórica com relação à escravidão. Denunciam também que o fim da escravidão ocorreu sem nenhuma política ou auxílio para a integração das pessoas escravizadas ao regime liberal de trabalho e à vida civil. A cordialidade, nesse sentido, se aproxima à função que Arlt detecta, a de fachada para lacunas históricas profundas. Indica a vitória dos processos de urbanização e sanitização do Rio, calcados na violência e na exclusão do que não fosse apropriado à imagem de um Brasil moderno.

Depois da surpresa com a recente abolição, Arlt passa poucos dias no Rio de Janeiro, faz uma breve viagem a Petrópolis, e retorna a Buenos Aires com evidente alívio. Embora o projeto *Aguafuertes* tenha posteriormente continuado, Arlt não retorna mais ao Brasil, ficando suas impressões registradas nesse conjunto de crônicas. Procuramos entender como as lacunas relacionadas ao projeto de “dos trajes” desvendam as forças e os discursos em torno da ideia de civilização. Isso nos levou à compreensão de que as críticas tecidas ao mundo do trabalho, ao prescindirem da relação com outros discursos, silenciam uma realidade complexa, apagam a participação do negro na sociedade, e constituem, pois, uma leitura fragmentada, em impressões não só descoladas da realidade, mas que exercem a função de coadunar com e perpetuar a violência e a exclusão do contexto descrito.

Conclusão

Aguafuertes cariocas tensiona os limites entre literatura e história ao nos mostrar um Brasil ao mesmo tempo tão diferente e ao mesmo tempo tão próximo da nossa realidade. É difícil imaginar um Rio de Janeiro sem violência, sem vida noturna, sem samba, sem moradores de rua, ao mesmo tempo que as questões sociais daquele momento ainda se mostram atuais. No desencontro do que se vê e o que se pensa e traduz ao público argentino, o projeto literário de Roberto Arlt nos revela um Brasil ainda por se desvendar, ou nos evidencia a imaginação da nação como um processo contínuo calcado em tensões complexas e profundas. Nesse sentido, o título do artigo baseado na expressão “orientes ao orientes do orientes” em Álvaro de Campos diz respeito a um horizonte inalcançável. Ampliando o seu sentido para uma ideia de orientes como construção ou como distribuição de uma consciência sobre o outro, o jogo de palavras de alguma forma indica o que Arlt, assim como o poeta, não encontra. Vê nos primeiros dias a harmonia paradisíaca do exótico, a educação dócil, a natureza inebriante, a languidez da língua e dos corpos, tudo à disposição do viajante, como aventura terrena a ser descoberta. Quando estas impressões se desfazem, orienta seu olhar um mecanismo igualmente perverso de relação com o outro, de nomeação e julgamento em função, novamente, da aventura de si. Vê um Brasil cordial, apassivado, atrasado, que será então observado com fins à imaginação do moderno sul-americano, que terá como paradigma a cultura argentina. Da mesma forma, emerge uma Argentina imaginada às custas das críticas a-históricas mais sinceras de um Brasil que ele descobriu, mas não olhou de fato como alteridade. “Orientes ao orientes” indica que, embora sua perspectiva mude, Arlt sempre se baseia na vantagem relativa da

civilização como chave de representação do Brasil na vontade de construção da Argentina e de compreensão do civilizado.

Em conformidade com o que aprendemos com a conquista da América, a experiência da alteridade radical desperta e intensifica a violência com que o eu se atira no outro. Com Arlt não é diferente. Sua a proposta dissonante, anti-canônica, de uma leitura a contrapelo, em dois trajés, mostra em dois meses de estadia os seus limites, e tanto sua leitura do mundo de trabalho quando as observações sobre o negro indicam a vitória de um processo colonizador, de apagamento e emudecimento do outro, do não civilizado. Ao mesmo tempo, em suas críticas desencaixadas, a obra possibilita a emergência de novas leituras e compreensões do Brasil. Mostra, por exemplo, a ambiguidade com que a cordialidade é lida. Denuncia como uma lógica liberal se mostra inadequada, incompleta, mesmo quatro décadas após a abolição da escravidão. Explicita o deslocamento e a invisibilidade do negro. Mostra, sobretudo, que as leituras do Brasil, quando prescindirem de uma análise histórica, correm enorme risco de perpetuar os processos de mutilação cultural. A leitura crítica realizada neste trabalho aponta, então, para a sugestão ou levantamento de formas éticas de lermos as *Aguafuertes*, concedendo espaço para as vozes silenciadas. O artigo procura abrir caminhos para que as crônicas possam ser lidas como um Brasil imaginado, ao Oriente, e para que possam ser lidas na tensão constante da literatura e do documento histórico, e na constante tentativa de compreensão crítica do mundo sem o apego a qualquer tentativa de observação isenta ou absoluta.

Referências

ARLT, Roberto. **Aguafuertes cariocas**. Buenos Aires: Hildalgo: 2013

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BORRÉ, Omar. **Roberto Arlt y la crítica (1926-1990)**. Buenos Aires: América Libre, 1996.

CARVALHO, Lyanna Costa. **Ficções possíveis: o Brasil no campo intelectual argentino**. Tese (Doutorado em Ciência da Literatura) - Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 189, 2018.

GARCÍA CEDRO, Gabriela. **Ajuste de cuentas:** Boedo y Florida entre la vanguardia y el mercado. Buenos Aires: Santiago Arcos, 2013.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SAID, Edward. **Orientalismo:** o Oriente como invenção do Ocidente. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas:** forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão:** tensões sociais e criação cultural na Primeira república. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América:** a questão do outro. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1993.